



Nelson Trindade

Edição SocioSistemas
www.sociosistemas.com



in Nelson Trindade, "Pedagogia é Cumplicidade": Preâmbulo.

A aventura da curiosidade

Pedagogia é apenas a cumplicidade na curiosidade.

Quando a cumplicidade se destrói tudo fica sem sentido, a curiosidade foge e desaparece a alegria e o prazer de encontrar o desconhecido... e então...

as nossas crianças, com a sabedoria da vida, procuram a vida "*lá fora...*"

A vida é curiosidade.

A vida é um impulso à evolução, é um impulso a ser diferente do que é, a transformar-se. Há uma lei cósmica que nos obriga a evoluir. Ela reconhece-se no rir alegre da criança quando aprende algo novo, quando se sente transformada porque começou a andar, quando diz a primeira palavra e ouve as primeiras respostas...

... o bebé vive de curiosidade, ele é **curiosidade viva** quando toca nas coisas à sua volta, quando as experimenta e procura perceber, aprender ...

A vida é um desejo insaciável de fazer experiências, de tornar suas as vivências sentidas, de as compreender, de as aprender, pois, como dizia Aldous Huxley, a experiência não é o que nos acontece, mas sim o que fazemos com aquilo que nos acontece.

Numa palavra, e em resumo, nós somos apenas "as experiências das nossas vivências", o que, retomando uma ideia de Abraham Lincoln, se pode dizer que "*aos 40 anos, somos responsáveis pelo nosso rosto*", na medida em que a nossa cara é apenas o retrato das nossas experiências sedimentadas.

Neste novo século, a questão principal que se nos coloca é:

***Estamos aprendendo com a mesma velocidade
com que o mundo muda ?***

Ou seja, o ***importante não é o que sabemos, mas a velocidade com que aprendemos o que não sabemos***. O **centro desta "motivação" é a curiosidade** (e a angústia) de, primeiro, *procurar identificar o que não se sabe*, e, em segundo, *procurar saber o que não se sabe*.¹

Quando, arrogantemente aprisionados dentro do statuo quo de conhecimentos já adquiridos, e esquecendo que a pior situação é *nem sequer saber aquilo que não se sabe*,

¹ - Em gestão fala-se no custo da não-informação. Mas, existe também o custo de ignorar "qual é a não-informação que não temos". No plano militar, um dos aspectos mais importantes é nem sequer saber que informação não se tem.

encontramos as posições confortáveis e perigosas dos “aprendizes de feiticeiro” que caminham alegremente para o precipício olhando a lustrosa biqueira dos sapatos².

Aprender é adquirir a humildade do ignorante, é ser suficientemente “sábio” para saber que, quanto mais se sabe, menos se sabe.

Num [exemplo](#), muito simples, vamos pensar...

uma aprendizagem sobre a Teoria Quântica e Pedagogia.

Considerando que a Teoria Quântica invadiu os nossos paradigmas culturais, alguém resolveu conhecer algo sobre esse novo ponto de vista científico.

Assim, começou por ler um pequeno livro:

“Taking the Quantum Leap - The new Physics for non-scientists-”
de Fred Alan Wolf (num total de **268 pág.**).

Depois de o ler, a questão que se lhe coloca é:

saberá mais sobre a Teoria Quântica ou, apenas
ficará a saber que não sabe praticamente nada ?

Para responder a esta questão, basta olhar para a bibliografia de **90 títulos**, que se encontra no fim do livro. Neste momento, ele sabe que não sabe nada dos *90 títulos de referência* sobre o assunto. Assim, com o novo conhecimento adquirido, a consciência do volume da sua ignorância aumentou.

Sem desistir, interessado em Pedagogia, resolveu aprofundar mais especificamente esse tema. Assim, comprou o livro:

“ The beginner’s guide to Quantum Psychology”
de Stephen Wolinsky, PH.D.,

apenas com **174 páginas**. Mas, no fim, a bibliografia de aprofundamento propunha mais **80 títulos**.

Decididamente, resolveu abandonar o aspecto geral e aprofundar a pedagogia para o século XXI, e assim comprou um livro base:

“The accelerated Learning Handbook” de Dave Meier,

agora já mais especializado, e que, de forma prática, desenvolvia o tema em **250 páginas**. O livro era interessante e ao analisar a Bibliografia, reduzida e seleccionada, encontrou **130 títulos**.

Durante a leitura do livro, houve um tema que o interessou que foi o “fluir da experiência” e que lhe atraiu a curiosidade e o interesse. O autor mais citado e listado na Bibliografia foi:

Mihaly Csikszentmihalyi, com o seu livro

² - “Quando o sábio aponta para a lua, o idiota olha para o dedo” (provérbio chinês)

“Flow: The psychology of optimal Experience”

Livro difícil de encontrar (está mais ou menos esgotado), depois de pesquisas na NET e “conversas” por e-mail, finalmente é encontrado em leilões de livros em 2ª mão nos USA. Comprado e estudado, o livro com suas **250 páginas**, apresenta uma bibliografia de **500 títulos**.

Conclusão:

Para aprender algo sobre a Teoria Quântica e a “aprendizagem acelerada” estudou 4 livros, num total de 942 páginas:

$$268 + 174 + 250 + 250 = 942 \text{ pág.}$$

o que lhe abriu um mundo de **não-conhecimento** de 800 livros:

$$90 + 80 + 130 + 500 = 800 \text{ livros}$$

que, com uma média de 200 páginas por livro, significa uma ignorância de: 160.000 páginas a estudar.

Se aprofundarmos o estudo destas páginas, o “buraco negro” da consciência do que não se sabe aumenta exponencialmente. Com clareza, surge o paradoxo da sabedoria: *quanto mais se sabe, menos se sabe*.

*A sabedoria é saber que nada sabe,
pois o aprendido nem sequer é
um grão de areia na “praia do Saber”*

Texto Zen

*O Ignorante ao adquirir Saber fica mais Sábio
O Sábio ao adquirir Saber fica mais Ignorante.*

O exemplo descrito mostra que a aprendizagem no século XXI deve ter duas grandes linhas de força:

- 1 – ser orientada por uma **grande curiosidade**, que nos faz focar um aspecto e não noutro e, ao dar-nos motivo para caminhar nessa direcção (MOTIV-acção) e não noutra, permitindo orientarmo-nos na “selva” da informação disponível.
- 2 – ser realizada por **métodos de “caça”** (esforço activo de orientação) sobre aquilo que se procura e não apenas por técnicas de “colecta” (esforço passivo de armazenamento). Mas, para esta “caçada” ser eficaz necessita de informação partilhada por todos quantos podem ajudar, motivados não por vantagens pessoais imediatas, mas apenas por cumplicidade na pertença ao “gang” da curiosidade: o centro não é saber, é caminhar no conhecimento.^{3,4}

Estas duas linhas de força alteram a pedagogia clássica do ensinar por dar a “*beber a sabedoria de uma fonte omnisciente*”, e cujo progresso da aprendizagem é avaliado pela correcção com que o aprendiz se tornou “His Master Voice” do ensinante. Nesta perspectiva tradicional, a obediência e a memória são os factores principais da relação ensino-aprendizagem.

Na actual situação do **século XXI**, exponencial em crescimento e mudança dos conhecimentos disponíveis, os factores de aprendizagem já não são a obediência, nem a

³ - Este espírito já vive na Internet, onde basta perguntar para obter respostas válidas, não como solução, mas como informação disponível para ser usada pelo “perguntador”.

⁴ - Atitude bem diferente da que ainda se vive na política, na sociedade, nas empresas e na família, onde o “segredo é a alma do negócio” e o facto de “só eu saber, é a garantia do poder”.

memória, mas sim a **curiosidade** (onde o importante não é ter respostas, mas saber fazer perguntas) e a **orientação** (onde o importante não é onde estou, mas para onde vou) dentro do emaranhado de informação disponível.

Na prática, a união destas três linhas de força (século XXI, curiosidade e orientação) obrigam a que a pedagogia facilitadora da aprendizagem exista num mar de **cumplicidade**, não só na partilha de fontes informativas, como na oferta de pistas de orientação, contactos e até de interpretações e opiniões a serem debatidas, confrontadas e aprofundadas num clima de recusa do poder pela posse de segredos, mas na aceitação de um poder novo que é “partilhar para ter mais para partilhar”⁶:

O poder deixou de ser posse para ser movimento, deixou de ser armazenamento para ser caminho, deixou de ser “guardar” para ser fluir.⁷

Como exemplo destas duas perspectivas:

Ainda hoje, é vulgar, num seminário de formação profissional de 25 a 30 horas, que pode custar entre 750,00 a 1.000,00 €, os participantes passem toda a formação a tentar tirar notas do que é dito (para estudar depois) e, no fim, ainda quererem fotocópias descritivas de alguns aspectos focados.

Em conclusão, pagam cerca de 1000 € para ficar com registos técnicos, normalmente pouco clarificados, de uma informação que se encontra bem estruturada em livros que se obtêm facilmente e que custam cerca de 15,00 a 20,00 €, ou até gratuitamente na Net.

Em resumo, pagam cerca de 1.000 euros para ficar com informações confusas que, já clarificadas, se compram por 2% desse valor.

Na verdade, actualmente, as acções de formação não são para dar informações documentais, mas sim, para potenciar a capacidade de “caçar” aprendizagem sobre o tema, depois da acção de formação acabar.

Assim, ela deve dar as informações técnicas de base para servir de orientação, os mecanismos de análise e raciocínio nessa área, os modelos e os métodos a usar na “construção da aprendizagem” e fundamentalmente criar a curiosidade de construir aprendizagem nessa área, mergulhando-os em redes de cumplicidade nessa aventura.

O seu centro é **criar o “UHAU!!!...” de espanto** característico do momento em que se aprende algo, pois nunca nos podemos esquecer que

... quem aprende tem o direito inalienável de se ir embora se estiver aborrecido...⁸

⁵ - W. Shakespeare: “ Quem não sabe para onde vai, nunca está perdido”

⁶ - Vide a cultura da Internet onde o importante não é ter, é disponibilizar.

⁷ - Se o saber não flui é lixo, se não é partilhado é peso morto.

⁸ - As faltas aos alunos não são uma protecção aos alunos, mas sim, uma protecção à incompetência pedagógica do professor para fazer este “UHAU!!!...” motivante, pois uma sala vazia mostraria claramente que era altura do professor (i.i) mudar de profissão.